

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 78	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	21 DE FEVEREIRO 1881	<p>Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.</p> <p>É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.</p>
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-	-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-	-		
Brazil (moeda fr. ca.).....	15\$000	7\$500	-	-		

PORTUGAL PITTORESCO



PINHAL DE LEIRIA (Segundo uma photographia de Figueiredo)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Pinhal de Leiria, C. A. SOUSA PIMENTEL — Um Martyr, MANUEL M. RODRIGUES — A ultima enchente no Douro, MANUEL M. RODRIGUES — Cruz de D. Sancho I, RODRIGO V. D'ALMEIDA — Paços do concelho da Ilha de S. Vicente, J. CESARIO DE LACERDA — Um desenho inédito de Barbosa Lima, XAVIER DA CUNHA — Nos theatros, CARLOS DE MOURA CABRAL — O Nursery, ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO — Publicações.

GRAVURAS. — Pinhal de Leiria — Um Martyr, quadro de J. Victorino Ribeiro — Inundações no Douro, Porto, Aspecto da Ribeira por occasião da ultima cheia — Cruz de D. Sancho I — Inscricção da cruz de D. Sancho I — Cabo-Verde, Paços do concelho da Ilha de S. de Vicente — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Vão ter os meus leitores, uma grande decepção com esta chronica. Estamos a cinco dias de carnaval, os *pierrots* reles atravessam enlameados as ruas encharcadas e entram na Trindade, actualmente o unico refugio d'essa enorme semsaboria conhecida no mundo dos pseudo-devertimentos pela alcunha de «baile de mascaradas», os dominós de setim cõr de rosa passam em carruagens fechadas, confortáveis e vão dançar, rir, divertir-se para as *soirées costumées* do bom tom, as bisnagas tem grande consumo, as caraças vão armar erysipelas pelas caras dos divertidos cá da terra, os jornaes limpam com bensina as suas velhas graçolas carnavalescas, areiam os arreios das suas facecias mais scintillantes, pucham o lustro á sua *verve* da estação, e naturalmente o leitor esperava que nós fizéssemos hoje uma chronica alegre, que tentássemos ter immenso espirito, que escrevéssemos em papelinhos multicolores, que orvalhassemos a nossa prosa com os perfumes vadios das borrachinhas carnavalescas, que empoássemos graciosamente as nossas phrases, para dansarem um can-can desenvolto em quanto os mascarados chiam sensaborias imbecis nos bailes publicos, e nas ruas os gallegos soturnos tocam castanholas e dizem facecias libertinas ás criadas de servir que os espreitam risonhas, interessadas, da janella da cosinha.

Pois estava completamente enganado o nosso bom leitor. A nossa chronica é muito menos uma chronica de carnaval do que uma chronica de quarta feira de cinzas.

Podia perfeitamente começar assim, como um bello e substancioso sermão de quaresma, de lição salutar: — *Memento homo!*

Senão vejâmos; São duas historias tristes. Um homem accorda um dia a abarrotar de talento. Sente lá dentro a tumultuarem-lhe no cerebro uma immensidade d'operas, armadas de ponto em branco, como a velha minerva mythologica saiu da cabeça de Jupiter. Ora se ter recolhido muito tempo no espirito um soneto, um folhetim, uma comedia, não é facil, — e por isso vemos por ahi tantas comedias, tantos folhetins e tantos sonetos que só tem esta explicação da sua existencia — um bom par d'operas instrumentadas é uma bagagem insoffrivel dentro da cabeça mais bem organizada. Esse homem teve a necessidade terrivel, implacavel, inadiavel de fazer musica, como nós temos a necessidade implacavel de jantar todos os dias — jantar todos os dias não é das coisas mais faceis a toda a gente, é verdade, mas fazer representar operas, em Portugal, todos os annos é muito mais difficil ainda.

Está agora em scena no theatro do Principe Real uma comedia vaudevillle franceza chamada o *Cérco de Granada*, em que um homem que faz uma peça com este titulo, corre seca e meca para conseguir fazel-a representar.

A *charge* franceza não é tanto *charge* como se pôde imaginar. Todo o artista que tem um trabalho feito, é capaz de ir ao inferno, de

discutir a promoção dos coroneis até, para que a sua obra appareça ao publico.

O nosso musico fez tudo o que se podia fazer, massou toda a gente, andou agarrado ás ábas das sobrecasacas de todos os empresarios lyricos de Portugal para que as suas operas fossem executadas.

Um dia emfim, alcançou pôr uma em scena. Foi uma ovação! É como quem tem sede beber um gôta d'agua. No cerebro por uma opera que saiu geraram-se mais cinco ou seis.

E onde pôl-as? onde apresental-as? Correu tudo, empenhou-se, gastou tudo o que tinha desde as solas até á saude e por fim, desanimando de ver repetirem-se-lhe as noites de gloria em Portugal, mettu-se a bordo d'um paquete, foi por ahi fóra, até ao Brazil, visto não ter podido ser propheta na sua terra. E lá continuou no mesmo trabalho continuo, infatigavel, despedaçador, e lá andava n'essa faina terrivel do artista, n'essa terrivel caça da gloria... mas por fim cançou-se, e caiu prostrado.

Os ultimos jornaes trouxeram-nos a lugubre noticia de, ter morrido no Rio de Janeiro o maestro portuguez Francisco de Sá Noronha. *Memento homo!*

— A outra historia não é menos triste, mas é muito mais melindrosa: prende-se a ella um drama intimo de familia em que não é dado tocar.

Balthasar Radich, morreu, isto é acabou de morrer.

Principiara-o ha muito tempo, quando a loucura entrára n'aquelle cerebro e o atirára para uma cella de Rilhafolles, amarrado, com um collete de forças.

Desgraçado homem! Vimol-o ha pouco tempo, no Lumiar, uma tarde. Não era facil reconhecê-lo. A furia, essa excitação terrivel que ainda deixa algumas esperanças, desapparecera, e dera o lugar á imbecilidade, esse estado placido, tranquillo, mas medonho na sua tranquillidade que não tem remedio.

Estava magro, abatido cadaverico, era uma sombra do que tinha sido, o corpo, que o espirito esse nem já sombra era, era uma treva, uma luz que se apagara.

O destino teve dô d'elle por fim, e acabou-lhe o pennar. Hoje dorme as suas primeiras noites descansadas, que as durma em paz!

— Foi collocada já a ultima pedra no monumento commemorativo de 1640, que se está erigindo no Passeio do Rocío.

O monumento olha para a Avenida, isto é quando elle tiver olhos e quando houver Avenida, e terá duas estatuas de bronze, que se estão fundindo agora, e que foram esculpturadas por dois dos nossos mais notaveis artistas, uma, symbolisando a Independencia é obra do sr. Alberto Nunes, a outra, symbolisando a Liberdade foi feita pelo sr. Simões de Almeida.

O monumento deve inaugurar-se no fim d'este anno, e como no dia que elle commemora as algemas caíram dos pulsos dos portuguezes, no dia em que elle se inaugurar, as grades cairão do Passeio Publico, com menos rhetorica, mas com grande proveito da população lisboeta.

Deus mande esse dia!

— Os ourives do Porto representaram ao governo contra a protecção que se dá actualmente á ourivesaria estrangeira, que tem invadido o mercado de Lisboa com grave prejuizo dos ourives portuguezes.

O governo decerto attenderá a reclamação no que ella tiver de justo. As artes nacionaes precisam muito da protecção dos governos e merecem que elles olhem com attenção e com solicitude para ellas.

— Temos ainda outra morte que registrar n'esta chronica, uma morte que é o epilogo d'um drama vulgar, trivial, e a que o desenlace deu um tom de peça de Ducange.

Um soldado d'um regimento de Belem tinha amores com uma rapariga qualquer, uma coisa banal e vista, que se dá desde que ha soldados e raparigas. Um dia o soldado achou-se pae, e a mãe de seu filho exigia casamento.

O soldado não tinha dinheiro para permitir o luxo d'essa cerimonia, faltava-lhe o dinheiro e naturalmente tambem lhe não sojava a vontade.

A mãe do seu filho dispensa-o por fim de lhe dar o seu nome, mas dispensa-o muito menos de lhe dar o dinheiro.

O soldado vê-se verdadeiramente em talas. O que fazer? Ao seu lado está um par de botas, um par de botas d'um seu companheiro de caserna. Dentro d'essas botas estava a tentação, estava mesmo o drama. Agarra n'ellas e vae vendel-as, e dá o dinheiro á mãe de seu filho.

Mas depois do logar onde estavam as botas surge enorme o remorso.

«Ladrão!» diz-lhe a consciencia, «conselho de guerra» diz-lhe o codigo militar.

E elle aterrado, espavorido, procura por toda a caserna o seu camarada para lhe pedir perdão, para lhe jurar restituir-lhe as botas.

Mas a fatalidade e a ordem regimental tinham levado n'esse dia o tal companheiro roubado para uma guarda fóra do quartel.

«Ladrão» bradou-lhe novamente a consciencia.

«Conselho de guerra!» bradou-lhe novamente o codigo.

E elle desvairado, acobardado, querendo fugir ao remorso e ao castigo... mette duas balas nos miolos.

E de tão pouca coisa depende a vida d'um homem, d'um par de botas!

Ainda, se quizessemos ostentar latim e continuar em estylo sacro, muito improprio do tempo, poderíamos escrever:

Memento homo!

— Mau este latim tem enguiço. Nós a escrevemol-o e a chegar-nos a noticia d'outra morte. Agora é de Bemfica que ella nos vem, e já ha tempo que era esperada.

Falleceu o nobre e velho marquez de Fronteira, um militar valente e honrado um dos mais respeitaveis e respeitados restos da aristocracia *vieille roche* de Poriugal. Tinha 79 annos. A sua casa de Bemfica era um pedaço de Faubourg Saint Germain.

O marquez de Fronteira era muito estimado e deixa umas memorias do seu tempo, ineditas, que dizem ser curiosissimas.

— Para distrahir, para alegrar um pouco, para não fecharmos com esta nota triste, façamos um passeio pelos theatros. Ahi festas e mais festas, beneficios de artistas muito estimados, peças novas de escriptores de muito talento.

D. Maria, beneficio de Joaquim d'Almeida, Gymnasio, beneficio de Maria das Dores e Augusto de Mello; Trindade, beneficio de Esther de Carvalho.

Mas, tudo isto é muito divertido, é muito alegre, mas é-nos defezo a nós. A secção theatral do OCCIDENTE protestaria contra nós, faria *meetings* até, que é o figurino da estação. Não podemos portanto entrar nos theatros: não passamos de ler os cartazes, o leitor se quizer, que vá ver os espectaculos.

GERVASIO LOBATO.

PINHAL DE LEIRIA

O pinhal nacional de Leiria demora 12 kilometros a O. da cidade d'este nome e occupa o littoral desde a foz do rio Liz até ao valle de Madeiros. Tem 18 kilometros de comprimento, e 7 na maior largura; mede a sua area perto de 12:000 hectares, dos quaes ainda falta arborisar uns 1:000 hectares de dunas.

Pela sua vastidão e pelo valor dos bons arvoredos que n'elle se criam, é o pinhal de Leiria a matta mais importante do paiz. A essencia florestal que o povoa quasi exclusivamente, é o pinheiro bravo ou maritimo, que é indigena de Portugal e ali vegeta admiravelmente, dando madeiras de excellente qualidade. Tambem abunda em medronheiros, carrasqueiros, folhados, samogueiros e outras plantas arbustivas, que crescem espontaneas e adquirem grande porte, formando algumas vezes verdadeiros bosques. Pela grandesa das suas arvores, vigor da vegetação, accidentado do terreno, efferece esta matta paizagens muito pittorescas, como é, entre muitas outras, a que o OCCIDENTE representa hoje em gravura. Não ha ainda muitos annos, encontravam-se no pinhal de

Leiria bastantes lobos e javalis, mas agora desapareceram de todo estes animais perigosos, por falta de grandes brenhas onde se acoutem.

São consideráveis as utilidades que directa e indirectamente proveem d'este dilatado massiço de pinheiros. A grande fabrica de vidros da Marinha Grande deve ao pinhal de Leiria a sua existencia, porque só este lhe pode fornecer uns 30:000 esterios de lenha necessarios á sua laboração. O mesmo succede com a Real Fabrica de Resinagem, que extrahê dos pinheiros toda a materia prima dos seus productos. A Marinha-Grande, a Vieira, Garcia, Cravide, Moita, Tatuas e muitas outras povoações que circumdam o pinhal, tiram d'elle grande proveito; alem dos trabalhos florestaes que occupam muitos braços e gados, nos mezes em que escasseiam os trabalhos agricolas, os povos vão ali buscar gratuitamente lenhas meudas, matos, estrumes, vegetaes, etc. Todos os annos saem do pinhal muitos milhares de carradas de *caruma* (folhagem secca de pinheiros) para adubo das terras, que são muito arenosas e fraqueiras e não produziram se assim não fossem fertilisadas. Se o pinhal de Leiria desaparecesse, ficaria em seu lugar mais uma extensa charneca improductiva e as povoações vizinhas teriam de viver pobremente ou de estabelecer-se em outros pontos, tão dependente está o seu bem estar da conservação d'esta rica matta.

Sendo tão evidentes as grandes vantagens que o paiz tira do pinhal de Leiria e havendo no nosso littoral tantas dunas e terrenos adequados á vegetação dos pinheiros, onde seria muito util a criação de grandes florestas resinosas, causa surpresa que algum dos nossos governos não tenha encetado com efficacia tão proficua empresa, que tendo de ser morosa, não exigiria de prompto grandes capitães.

A noticia que attribue a D. Diniz a fundação do pinhal de Leiria é hoje tida por inexacta; porque, segundo investigações mais rigorosas, a primitiva sementeira é obra de D. Sancho I.

G. A. DE SOUSA PIMENTEL.

UM MARTYR

É o titulo do quadro do pintor portuense Joaquim Victorino Ribeiro, de que o OCCIDENTE publica hoje a copia.

A simplicidade do assumpto está traduzida na singularidade da tela.

Uma unica figura, estendida no pavimento de uma casa, synthetisa os dramas sanguinolentos dos primeiros alvares do Christianismo.

Aquelle cadaver, hirto, macilento, que deixa adivinhar na magreza das fórmas as privações voluntarias de uma vida ascetica, e na placidez serena da phisionomia a resignação mystica das torturas do ultimo momento, aquelle martyr foi decerto arrebatado ao furor barbaro das multidões ou aos esphacelamentos horrorosos do Circo, por um amigo, um crente da mesma religião, que o occultou ali, dando ao corpo uma posição composta, apoiando-lhe um braço no peito e cobrindo-lhe caridosamente o tronco com uma pelle de cabra, que lhe teria servido talvez de leito em muitas noites de agitada insomnia.

Na alvura da tunica negreja o rasgão do ferro que se aprofundou nas carnes d'aquelle corpo, e isso demonstra de per si o genero de martyrios a que o bem-aventurado succumbio.

Eis descripto em dois traços o quadro que hoje faz parte da galeria do museu municipal da rua da Restauração.

Como se vê, o pintor idealisou a sua concepção artistica, deixando de a sujeitar a convencionalidades que poderiam tirar ao seu trabalho a originalidade que quiz imprimir-lhe e que se assentua principalmente n'aquella pelle de cabra com que cobrio parte do cadaver.

Quanto á execução, e sem descer a minudencias de critica, cujo rigor entre nós deve ser sempre suavizado, não só pelo meio restricto em que vivemos, como tambem pelo incentivo com que é util animar os poucos artistas que no nosso paiz produzem alguma cousa de bom — sobre esse ponto direi que a figura está bem desenhada e conscienciosamente estudada, e que na côr baça da carnacão, acha-se definida com acerto a lividez cadaverica do corpo recém-morto.

O que porém produz mau effeito é a côr amarella carregada, circulada de vermelho, da aureola bysantina que rodeia a cabeça da figura. As aureolas d'esse estylo, devem em rigor, ser douradas, mas ainda mesmo que o artista não quizesse dar-se o luxo d'essa ostentação no seu quadro, uma côr mais leve, mais diaphana, que fize-se sobresahir igualmente, como o pintor desejou, o perfil da cabeça, seria de um aspecto mais agradável e por ventura menos exagerado.

Poder-se-ha notar ainda o modo sôcco como a figura em geral está pintada e fazer-se mesmo um leve reparo na maneira como posam os abundantes cabellos, cujo desalinho seria mais verdadeiro na situação em que o corpo se acha, mas essas objecções, por muito que se accentuem, nunca poderão diminuir o merecimento incontestavel do quadro de que se trata.

O rigor historico exigiria tambem que a tunica simplicissima que veste o cadaver, tivesse a caracterização verdadeira da epoca, isto é, a *laticlave* ou a *augusticlave*, que como se sabe, era o ornato peculiar ás tunicas dos primitivos christãos, como o patenteiam as pinturas das catacumbas de Roma.

Pondo porém de parte estes passageiros reparos, o observador, em presença da tela do sr. Victorino Ribeiro, encontra-lhe necessariamente qualidades que a distinguem como uma pintura de muito merito, a qual já teve a sua justa consagração na admissão ao salão de Paris, de 1879.

O sr. Victorino Ribeiro é filho do Porto. Alumno da Academia de Bellas Artes, revelou propensões tão felizes para a pintura, que alguns dos seus amigos e condiscipulos no louvavel intuito de lhe desenvolverem a vocação, promoveram-lhe um subsidio para poder ir aperfeiçoar-se no estrangeiro.

Dirigindo-se para Paris, cursou durante alguns annos, a Escola de Bellas Artes sob a direcção competentissima do notavel professor Cabanel, e graças ao estudo intelligente, a uma vontade decidida e á observação dos bons mestres, conseguiu alcançar um nome já considerado pelos trabalhos que tem produzido e de que é testemunho honroso o quadro de que venho de fallar.

Uma outra tela do mesmo artista, *Christo no tumulto*,¹ figurou egualmente em um dos salões anteriores, e teve immediata venda em França.

De regresso ao seu paiz natal, a camara do Porto muito acertadamente fez aquisição do *Martyr*, que hoje se ostenta na galeria do museu municipal, onde, de pintores contemporaneos tambem existe já uma paizagem de Arthur Loureiro.

Concluindo; direi que Ribeiro, pelo seu talento é um artista de quem ha muito a esperar para o lustre das bellas-artes em Portugal.

Porto, 15 de fevereiro de 1881.

MANUEL M. RODRIGUES.

A ULTIMA ENCHENTE DO DOURO

A gravura que hoje publica esta folha, dá uma idéa perfeita das proporções que teve a enchente do Douro, produzida no principio d'este mez, pela constante invernia de algumas semanas e pelo derretimento da neve accumulada nas serranias agrestes da região atravessada por aquelle caudaloso rio.

O ponto de vista, tomado do fundo das escadas do Muro dos Bacalhoeiros, abrange toda a extensão da Ribeira, e o candieiro que se destaca no primeiro plano, pôde, pela distancia a que fica da agua, dar a apreciação exacta da altura a que o rio subiu no dia 30 de janeiro, que foi de 4 metros e 16 centimetros acima do colo da praia mar, levando a corrente uma velocidade de 13 milhas por hora.

Foi esse o dia em que as aguas attingiram uma maior elevação, faltando-lhes apenas cerca de um metro para alcançarem a altura que teve a memoravel cheia de 1869, a mais imponente d'estes ultimos tempos.

A enchente d'este anno, além dos prejuizos que produziu pela inundação dos predios mais proximos das margens, assinalou-se por uma perda de maior vulto, a do vapor de rebocues *Bismark*, que arrebatando as amarras foi naufragar na Foz.

Não me detenho em divagações mais ou menos pittorescas sobre o aspecto que apresentavam as ruas encharcadas até aos primeiros andares, nem tão pouco traço na *pochade* mais ligeira os variados episodios a que o crescimento do rio dava lugar.

Em compensação, prefiro rememorar ainda que rapidamente, as enchentes mais notaveis que se tem dado no Porto, e das quaes existem relações escriptas apenas desde 1526.

A cheia mais extraordinaria de que ha memoria, foi a de 5 de dezembro de 1739. Depois de um vendaval consecutivo de três mezes, a agua subiu a tal altura, que o rio passou por cima do Muro, cobrindo todo o antigo forte da Porta Nova.

Entrou na igreja de Miragaya, na capella do Terreiro, e nos dormitorios, do lado da praia, do convento das freiras de Villa Nova de Gaya, chegou, na mesma villa, até acima da fonte do Cabegudo, e cobriu a fonte da Ribeira até ao sitio onde estava lavrada a data da sua construção.

Um navio ficou encostado ao postigo da alfandega e outro ás casas de Miragaya, indo pela barra fóra nove embarcações de alto bordo, das quaes cinco portuguezas. Em Gaya cahiu uma rua inteira de casas e houve outros estragos de vulto, tanto ali como no Porto. Os estragos causados por esta cheia, calcularam-se em 15 milhões de cruzados.

Em 28 de dezembro de 1727, o rio tomou taes proporções, que de cima do Muro se lhe tocava com a mão. Entrou, pela porta travessa, na igreja de Miragaya, inundou o convento de Villa Nova de Gaya e a igreja de Santa Marinha, derrubou varios predios e absorveu na sua corrente a vida de mais de cem pessoas. Arrastou para a barra dois navios portuguezes e alguns estrangeiros, que se despelçaram na costa, sendo os prejuizos causados por esta inundação avaliados em 150:000 cruzados.

As cheias de 1729, 1771 e 1779, foram egualmente consideraveis e as de 1526, 1585 e 1596, assustaram de tal modo a população, que em todas ellas, foi necessario trazer processionalmente ao Porto, a imagem do Senhor de Mattozinhos.

Em 1625 o crescimento do rio foi tal, que cobriu quasi completamente a parte antiga do convento das freiras de Villa Nova de Gaya, obrigando a comunidade a edificar os novos dormitorios e mirantes superiores para n'elles se refugiarem as religiosas em occasiões identicas.

A cheia de setembro de 1763, motivada por continuadas chuvas, deu causa a uma grande proceissão ordenada pelo cabido da cathedral, acompanhando a imagem do Senhor d'Além todas as ordens religiosas, auctoridades, corpo militar, etc.

Em 10 de abril de 1769, uma nova enchente fez naufragar diversos navios que foram arrastados pela corrente, lançou por terra o Pelourinho e causou outros estragos de vulto.

¹ Em breve será publicado no OCCIDENTE este quadro.

No dia 11 de dezembro de 1774, faltou apenas dez palmos para a agua chegar á altura da de 1739. Levou cinco navios, dos quaes um portuguez e além de outros destroços arrasou alguns armazens de vinhos, calculando-se os prejuizos em tres milhões de cruzados.

A de dezembro de 1799, foi tambem quasi identica á de 1739, causando como aquella, gravissimas perdas.

A de 11 de janeiro de 1821 marcou uma epoca memoravel, principalmente pelas catastrophes e phenomenos que se deram nas vizinhanças do Rio Corgo, em Cima do Muro.

A de 2 de fevereiro de 1823, maior que a de 1821, não foi contudo tão desastrosa, passando a agua quatro metros acima da fonte do Cabegudo, em Villa Nova.

A de 1829, levou na corrente a antiga ponte de barcas, muitas das quaes foram de encontro aos navios, produzindo-lhes algumas avarias. Coincidiu com essa enchente a entrada n'esta cidade do celebre João Branco, mandado de Lisboa pelo governo de D. Miguel para dar execução ás tyrannicas sentenças da Alçada, Chegado a Villa Nova de Gaya na quinta feira santa, 16 de abril, teve pela falta da ponte, de passar para o Porto em um barco puchado por quatorze remos.

Outra cheia succedida em novembro de 1837, obrigou tambem, pela força da corrente, a retirar a mesma ponte.

A de 1843 fez com que no dia 18 de fevereiro se abrisse á circulação, sem os festejos que se projectavam, a actual ponte pensil, em consequencia de no dia anterior se ter mandado desfazer a ponte de barcas.

Em 1855 houve duas enchentes, uma em fevereiro e outra em dezembro, causando aquella, além de outros prejuizos, a perda de tres navios.

Em 1856 saiu igualmente por duas vezes fora do seu leito o rio Douro, em janeiro e em dezembro de 1858 houve uma outra cheia maior do que aquellas.

Finalmente, além de outras que se succederam até hoje, a mais notavel foi a de 860, que tomou proporções extraordinarias, excedendo bastante a de 1823. A agua chegou no principio da rua de S. João, havendo até recuo de alcançar o taboleiro da ponte pensil.

Ali ficam resenhadas as enchentes com que o Douro tem alastrado por vezes a parte baixa d'esta cidade, calculando-se por ellas os enormes prejuizos que tem causado, principalmente ao commercio e á navegação.

Porto, fevereiro de 1881.

MANUEL M. RODRIGUES.

CRUZ DE D. SANCHO I

No gabinete de numismatica de el-rei o sr. D. Luiz I existe a cruz de ouro com pedras preciosas, cuja gravura hoje apresentamos, que pela sua antiguidade e merecimento artistico, é digna de toda a attenção; e ainda mais, se olharmos ao desbarato que tem soffrido os valiosos objectos que outr'ora possuimos.

No testamento d'el-rei D. Sancho I, feito em 1209, acha-se o seguinte legado: *Monasterio Sanctae Crucis ubi corpus meum sepelire iubeo mando X. et meam capellam, et copam meam auri, ut faciant ex ea unam crucem, et unum calicem*, etc. A cruz ali mencionada é sem duvida a de que tratamos, como se prova pela inscripção gravada n'ella:

Tambem alguns historiadores portuguezes, entre estes Nicolau de Santa Maria na Chronica dos conegos regrados de S. Agostinho, fazendo menção d'esta cruz, comprovam a sua identidade, dando d'ella a seguinte historia.

Quando em 1128 D. Affonso Henriques saiu ao encontro de seu primo Affonso VII de Castella, e lhe deu batalha na Veiga de Val de Vez, obteve entre outros despojos uma grande reliquia do santo lenho, que depositou na igreja de Grade, distante uma legua do logar da victoria. D'ella tirou o nosso heroe uma boa parte para si, que trazia em uma cruz de ouro, a qual depois deu ao seu confessor S. Theotónio, para lhe servir de cruz pectoral nos pontificaes.

Foi d'esta cruz que mais tarde se tirou o santo lenho e se poz na «cruz grande de ouro e pedras preciosas que deu el-rei D. Sancho I, d'onde passou para a cruz pequena portatil que chamam dos Anjos» (Nic. de S. Mar. Chron. Tom. 2.º, pag. 74), isto em Santa Cruz de Coimbra, onde julgo ainda hoje existir. Tambem da cruz de D. Sancho se faz curiosa menção nas chronicas breves que A. Herculano publicou nos *Monumentos Historicos*, onde lemos a pag. 24 da parte *Scriptores*: «O muy noble Rey dom Sancho, que jaz em o mosteiro da virtuosa cruz, pos aqui huma cruz douro com algumas pedras de virtude, e em o meo da cruz do lenho em que se ue christo nosso redemptor. E deste lenho furtarom muyto.» Egualmente confirma sua identidade, a comparação do peso antigo com o actual. Nic. de S. Maria (ibi. pag. 66) diz: «A cruz de ouro que deu ao Mosteiro El-Rei D. Sancho I, que tem de peso sete marcos, e seis onças de ouro (1778 e meia grammas) afóra as pedras finas de que está guarnecida», etc. Ora seu peso actualmente é de 1:873 e meia grammas¹ ou 95 grammas a mais; differença devida ao tocoo addicionalmente de prata que lhe pozeram, para servir hasteda processionalmente.

A sua fórma é floreteada como a de Aviz; na primitiva devia ter 50 centimetros de altura por 35 de lar-

¹ Entre uns apontamentos que nos cedeu francamente o sr. dr. Teixeira de Aragão, ha um do peso e avaliação da cruz, feito na casa da moeda, onde consta do respectivo livro, que ella tem oito marcos, uma onça e duas e meia oitavas; (1:873 e meia grammas) a que abatendo quatro onças e duas e meia oitavas, da prata dourada e das pedras que a guarnecem, fica liquido sete marcos e 5 onças, pouco mais ou menos, no valor de 1:100,639 réis.

BELLAS-ARTES



UM MARTYR — Quadro de J. Victorino Ribeiro, pertencente ao Museu Municipal do Porto (Segundo uma photographia)

gura; porém hoje tem mais 11 centímetros de altura, proveniente do referido addeicionamento. A face principal é toda ornada de pedras preciosas, filigrana e ornatos abertos a buril. As pedras em numero de 41, ou 28 saphiras e 13 rubins, são parte d'ellas cercadas de perolas e aljofares, cravados em sobrepostos de filigrana. São de maior grandeza os 13 rubins e 4 saphiras; e das

perolas, 22 propriamente ditas, e 60 aljofares. Pelos signaes da cravação percebe-se que lhe faltam 48 pequenas pedras ou perolas. Em 5 dos rubins maiores acham-se gravados caracteres arabicos ou talismans, (certamente as pedras de virtude que nota a chronica breve) e entre estes, dois são figuras de animaes muito imperfeitas.

É provavel que taes pedras ornassem a copa que D. San-

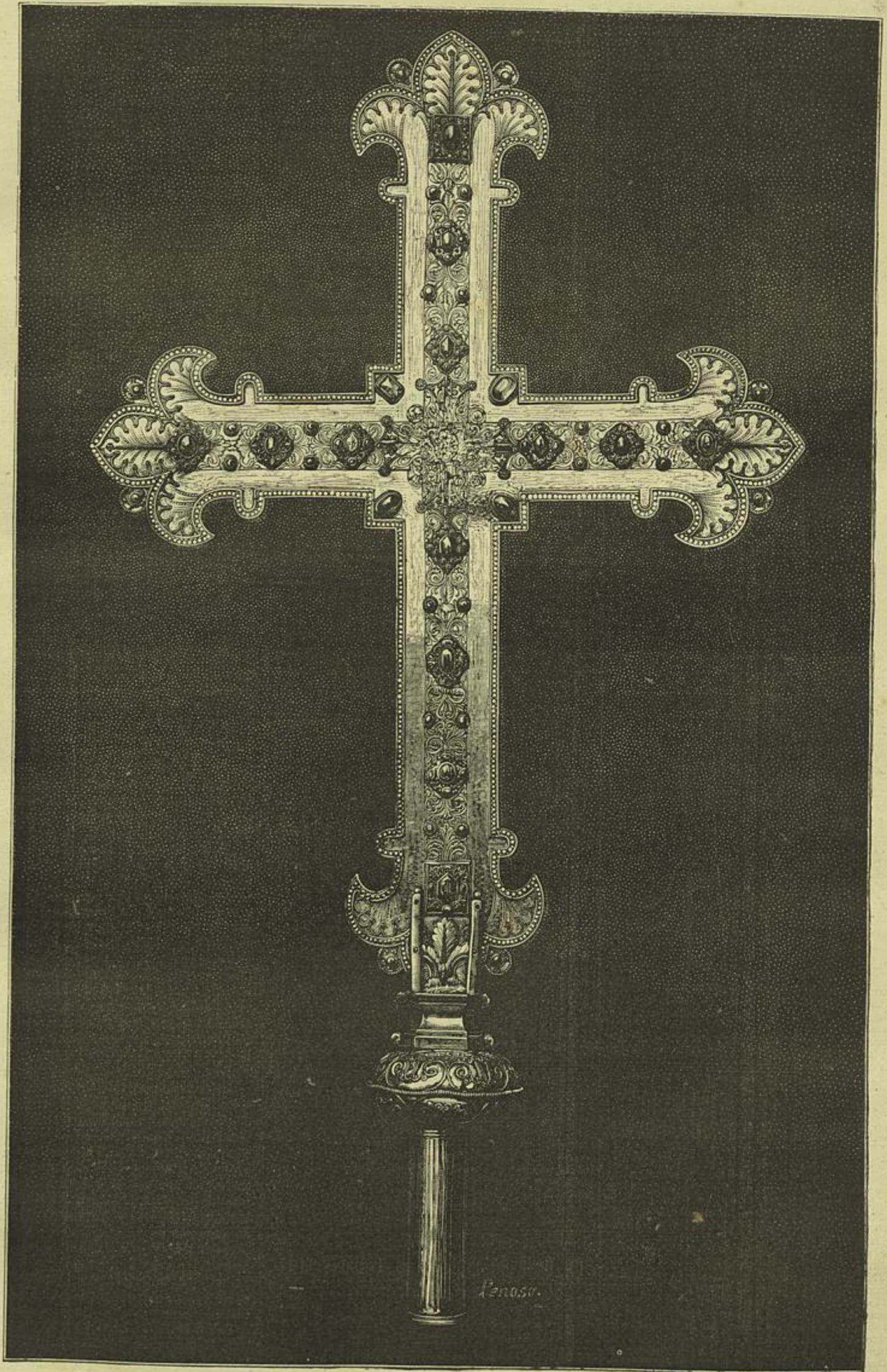
cho doou para factura da cruz, e não menos provavel que essa copa houvesse pertencido aos mouros, cujos despojos nossos reis tantas vezes alcançaram.

No centro da cruz conhece-se distinctamente o logar em que existiu o santo lenho, porque mostra ter sido arrancado com violencia o relicario e a forma de cruz, que o continha.

INUNDAÇÕES NO DOURO



PORTO — ASPECTO DA RIBEIRA POR OCCASIÃO DA ULTIMA CHEIA (Desenho do natural por José de Brito)



Penoso.

CRUZ DE D. SANCHO I — Museu Real da Ajuda (Segundo uma photographia de Laurent)

No reverso está a inscripção que aqui juntamos, prejudicada na ultima linha (a data), por se acharem as letras finas cobertas com a extremidade da peça de prata, que ali brutalmente sobrepozeram e cravaram. Comtudo, depois de algum trabalho, podémos aliviar a dita extremidade, conseguindo vêr com difficuldade duas letras, pelo que a data, que até hoje se julgou ser M.CC.XII, é evidentemente M.CC.XIII. N'esta face da cruz, ao centro e den-

ONS
SAN
CIV
REX
IVS
SIT
FIC
RI
KAC
ARO
ICAR
PATI
OIS



tro de um circulo, está gravado o *Agnus Dei*; e nas extremidades os symbolos dos quatro evangelistas, anjo, aguia, leão e touro alados, tudo gravado a buril, bem como os máis ornatos.

Esta cruz, finalmente, é um dos monumentos de ourivesaria nacional, cuja historia mais se aproxima do herço da monarchia.

RODRIGO V. D'ALMEIDA.

PAÇOS DO CONCELHO DA ILHA DE S. VICENTE

O edificio que a nossa gravura representa é um dos máis importantes da cidade do Mindello na ilha de S. Vicente e o palacio municipal mais amplo, majestoso e elegante que ha no archipelago de Cabo Verde.

Foi começado a construir em agosto de 1862, mas em pouco tempo teve que ficar interrompida a edificação por motivo da falta de meios pecuniarios, produzida por uma grave crise economica que a provincia atravessou.

Em 1871, sob o energico impulso que ás obras publicas imprimiu o sr. Caetano d'Almeida e Albuquerque, então governador geral da provincia, continuaram activamente os trabalhos dos Paços do Concelho sob a direcção do habil engenheiro, o sr. A. P. de Miranda Montenegro, e vieram a concluir-se em 1874.

O edificio é vasto e accommoda todas as repartições municipaes, a administração do concelho, a da fazenda, o tribunal judicial e uma eschola de instrucção primaria. No pavimento inferior está também estabelecida a cadeia civil.

A cidade do Mindello, comquanto pequena em extensão, offerece um bonito aspecto e tem hoje bastante importancia commercial, que lhe dão a sua posição geographica e a segurança do seu porto, condições a que deveu o estabelecimento dos depositos de carvão n'ella existentes e que tem sido a origem da sua crescente prosperidade. Está assente á beira do denominado Porto Grande, o melhor da ilha e de todo o archipelago, e um dos máis seguros que se conhecem. É elle bastante amplo, e deve a perfeita segurança, que offerece aos navios, á circumstancia de ser completamente fechado pela ilha de S. Antão que, estendida em frente da sua abertura, lhe serve de quebra-mar e o abriga com alterosas montanhas contra o vento de N.O., protegendo-o de todos os outros os montes da propria ilha de S. Vicente. Tem excellentes fundo e pôde dar ancoradouro, em todas as quadras do anno e em todas as condições de tempo, a cento e cincoenta ou mais navios de alto bordo.

São de sua natureza obvias as vantagens que a ilha tinha a colher das boas qualidades d'aquelle porto, que mão providente parece ter adrede collocado, para abrigo seguro, n'uma posição geographica em que se encontram as linhas das navegações entre a Europa e os portos da Africa e da America.

E, no entanto, permaneceram desaproveitados durante seculos os beneficios que derivam de tão excellentes condições, acrescentadas ainda com o facto de ser a ilha de S. Vicente bastante salubre e o seu clima bem tolerado pelos Europeus.

Por muitas vezes houve tentativas dos poderes publicos para conseguirem que se povoasse a ilha, que só era abordada para pescas e salgas de peixe e para caçadas de jumentos e cabras bravas, servindo também o Porto Grande, muitas vezes, de refugio aos piratas que infestavam aquelle mar. Essas tentativas officiaes ficaram sempre sem resultado e só a do marquez de Sá da Bandeira (então visconde) logrou o deixar ali o nucleo persistente que, desenvolvendo-se mais tarde, veio a tomar as proporções que actualmente apresenta a cidade do Mindello.

Por decreto de 11 de junho de 1838, referendado por aquelle estadista, ordenou-se que se effectuasse a transferencia para a ilha de S. Vicente, da capital de provincia, que era e é ainda hoje na ilha de S. Thiago, e que á povoação que se fundasse se desse o nome de Mindello. A transferencia foi depois indefinidamente adiada, pelas difficuldades que se oppunham á sua realisção.

Foi, porém, em 1850 que raiou a aurora da prosperidade para a ilha de S. Vicente, com o apparecimento dos vapores da *Royal Mail* da carreira do Brazil. Estabeleceu-se logo ali um deposito de carvão de pedra para que aquelles barcos, na sua passagem, se refizessem de combustível.

Não tardou que o consideravel augmento da navegação a vapor, fizesse d'aquelle porto um obrigado ponto de escala para abastecimento de combustível. A concorrência de navios foi promovendo o augmento da povoação e a sua prosperidade.

A povoação do Mindello foi elevada á categoria de villa em 1858 e á de cidade em 1878.

A ilha de S. Vicente tinha em 1879 uma população de 3:717 habitantes, sendo 3:497 naturaes do paiz, 106 do reino e ilhas adjacentes e 114 estrangeiros, e sendo 1:981 do sexo masculino e 1:736 do feminino.

Esta população está distribuida por 911 fogos e concentra-se na cidade do Mindello. No interior apenas se vêem pequenissimos povoados.

Tem a cidade 1 praça, 5 largos, 27 ruas, 11 travessas, 1 becco e 2 pateos.

O movimento do porto é muito consideravel. Em 1879 houve n'elle 1:265 entradas de navios. Foram: 35 de vasos de guerra (31 a vapor e 4 de vela); 669 de navios mercantes de longo curso, (182 a vapor e 187 de vela); 591 de embarcações de cabotagem.

São dois ali hoje os depositos de carvão de pedra para fornecimento dos navios, com suas pontes de embarque, vapores de reboque e officinas de reparações. O mais antigo e mais vasto pertence á firma commercial Miller & Nephew, o mais recente é da casa Cory Brothers & C.^a. São dos máis importantes e bem dirigidos que os navegadores conhecem. A toda a hora do dia ou da noite que ali chegue um vapor, pôde receber de prompto o carvão de que precisa.

Tambem contribuiu para dar importancia á ilha o estabelecimento n'ella em 1874 uma estação telegraphica do cabo sub-marino da companhia *Brazilian Submarine Telegraph*.

Além dos Paços do Concelho, os principaes edificios da ilha são a casa da alfandega, a igreja de Nossa Senhora da Luz, o quartel militar e o palacio do governo. Deu-lhes principio a energica iniciativa de um dos seus máis benemeritos governadores da provincia, o sr. Sebastião Calheiros de Menezes, auxiliada pelo sr. visconde de S. Jannario, que era então ali o director das obras publicas e que depois, como governador interino, continuou os melhoramentos iniciados pelo sr. Calheiros.

J. CEZARIO DE LACERDA.

UM DESENHO INEDITO DE BARBOSA LIMA

(Conclusão)

MONUMENTO DE THOMAR

— Barbosa Lima (respondia-nos um dia d'estes Manuel de Macedo ao consultarmos-lhe o seu voto competentissimo ácerca dos desenhos

do nosso artista), Barbosa Lima avantajou-se a todos quantos o precederam no desenho para gravura. D'elle se pôde affirmar que foi para esta especialidade o que fôra para a lithographia outro artista de elevado merito, com quem o nosso biographado apresenta mais de um ponto de contacto: João Pedro Monteiro. 'Posuindo, verdade é, menos originalidade do que este ultimo, Barbosa Lima soube, comtudo, polir o seu estylo e afastar-se das maneiras affectadas. Se não encontramos nos seus desenhos de architectura, aliás correctos e finos, a profundidade e magia de claro-escuro que se nota nos trabalhos de Monteiro, conseguiu entretanto Barbosa Lima vêr melhor do que este a paisagem, chegando mesmo a interpretá-la com mais verdade do que todos os artistas seus contemporaneos.

O que elle valia já em tão verdes annos dá elementos para presuppor quanto de seus recursos se deveria ainda esperar, se tão cedo a fatalidade o não roubasse ás lides artisticas.

De compleição debil e franzina, Barbosa Lima tinha estampado na expressão meiga e suavemente melancolica da sua physionomia aquelle cunho caracteristico, embora indefinivel, que se não explica mas que se sente, e de que Millevoye soube tão poeticamente repassar uma das máis mimosas de suas lindissimas elegias.

Quer dizer: transluzia n'elle aquelle conjunto de factores, não só physionomicos mas inclusivamente psychologicos, — commum, de resto, á maioria dos individuos que nascem com predisposição para a tuberculose.

Barbosa Lima não pudé resistir ao continuado labor em que se esfalfava já desenhando, já lithographando, já ensinando por collegios ou por casas particulares, e nunca desaproveitando um meio sequer de grangear nobremente pelo trabalho honrado os meios de subsistencia.

Caiu afinal prostrado no leito da doença.

Uma tarde foi Caetano Alberto visitá-lo, Caetano Alberto que travára com elle relações de amizade estreitissima em casa de Nogueira da Silva.

Encontrou-o a phantasiar projectos aureos, a devanear futuros ridentissimos.

Todo elle era esperanças, todo confiança no porvir.

— Estou melhor, muito melhor (dizia-lhe); na primavera havemos de ir com as familias fazer um *pic-nic* ao Alfeite. Que alegria, Alberto! que festa que ha de ser!

No dia seguinte... apagava-se do numero dos vivos o vulto sympathico de Barbosa Lima.

Era isto aos 9 de outubro de 1867 — data que ficou entre nós memoravel pela inauguração do monumento com que Lisboa pagou ao cantor dos *Lusíadas* a sua divida de tres seculos.

Com vinte e seis annos de idade e um nome notavel já na carreira artistica, Barbosa Lima extenuado de trabalho, e devorado talvez pela sede de gloria que internamente o consumia qual chamma intensa, deixára pender a cabeça no travesseiro do tumulo.

Era a primeira vez que descansava.

A existencia correra-lhe sempre accidentada e tormentosa. Quando não foram as angustias da fome, foram as fadigas improbas do labutar constante; n'estas encontrou elle o ensejo de conquistar um nome distincto entre os nossos artistas; n'estas se lhe deparou o meio de occorrer ás necessidades materiaes da vida, ganhando o pão quotidiano para si e para sua idolatrada esposa, — uma gentil dama por quem doidamente se apaixonára, e cujo retrato costumava ter sempre defronte de si na mesa do trabalho; n'estas affim se lhe topou a causa prima da enfermidade incuravel, que em curto espaço de tempo o despenhou na sepultura.

Pobre Barbosa Lima!

A Empreza do OCCIDENTE, publicando o retrato do sympathico artista, presta merecido

culto á sua memoria, e constitue-se de certo modo interprete das estreitas e affectuosas relações que ligavam Barbosa Lima, o auctor do desenho — *Monumento de Thomar*, — e Caetano Alberto que expressamente o gravou, para com elle aformosear as paginas d'este periodo.

Desenho do natural, premiado na Exposição do Porto em 1863, entendeu a Empresa que, offerecendo-o por brinde aos seus assignantes em folha suplementar (V. n.º 71), lhes proporcionava uma surpresa sobremaneira delicada e agradável, com a circumstancia de recada e apresentar um dos dois unicos trabalhos, que até hoje se tem conservado ineditos, de Barbosa Lima.

D'esses dois o outro é um desenho tambem do natural. Representa a fachada do real palacio da Ajuda, e existe na galeria artistica de el-rei D. Fernando, que fez d'elle aquisição comprando-o á viuva do desditoso mancebo.

XAVIER DA CUNHA.

NOS THEATROS

«JOÃO DE THOMMERAY» AUGIER E SANJEAN

João de Thommeray é um bello rapaz que vive na sua aldeia, com os seus amores honestos, amores em que as faces coram ao receberem um beijo e as mãos estremece, quando se enlaçam e apertam. *João de Thommeray* ama... para casar. Eis a sua primeira phase, eis como o encontramos no primeiro acto.

Assistimos depois ao desabar de todos os seus sentimentos nobres, vemol-o sair das salas douradas dos seus castellos e dos campos viçosos das suas herdades, quebrar todas as suas alegrias tranquilas, todos os seus brancos ideaes, todos os seus juramentos, arremessar a longo as suas virtudes, como fardos inúteis e incommo-longo, vencido por uma mulher que o domina com o seu do, em quèda pelos caprichos escabrosos da materialidade.

João de Thommeray declara-se então cansado, blasé, sem mais forças, sem mais desejos, com a sua alma que succede todas as immundicies por que atravessou, amaldiçoando aquella Paris que lhe ia arruivando o corpo e a reputação e sentindo-se feliz nos braços de seu pae que lhe perdoa e a quem pede um rogar no seu regimento de bretões, no momento em que a patria está em perigo.

E aqui está o drama; um rapaz bom, que estroina um pouco e faz umas aventuras muito triviaes, e que depois se regenera; a ave que volta ao ninho...

Ha muito sentimento n'este final, contra o que parte do publico e dá critica se tem levantado. Nós achamos toda a coherencia n'este desenlace; não ha ali o casamento vulgar em todas as peças, o hymineu com todas as suas can'tatas para que o publico se retire do theatro plenamente satisfeito. A rotina sebeta espanta-se geralmente, quando se não seguem os velhos costumes e tendo da arte, dos seus processos, das suas escolas, dos seus adiantamentos, a mais profunda ignorancia, de sua aborrecida e contrariada.

O primeiro e segundo actos não tem situações, mas primam pelo dialogo alevantado e sonóro; no terceiro e quarto actos ha scenas de grande interesse, finamente architectadas e habilmente conduzidas; a scena do quarto acto entre o barão de Montlouis e João, estando escondidas em gabinetes oppostos a baroneza de Montlouis e a Baronette, é muito bem preparada; entretanto os caracteres dos personagens são por vezes falsos, principalmente o da baroneza, que tão depressa nos parece uma apaixonada como uma peccadora; ora se nos affigura uma martyr, ora tão criminosa como aquella *cocotte*, com a simples differença de que esta é sempre mais sincera.

Mas este successo vae longo, successo da peça, do despenho, do scenario, um esmero em tudo, como ultimamente se está vendo no theatro de D. Maria, a que um admirador na força do seu enthusiasmo chamava a *Comédie française portugueza*.

«GRANDE HOMEM» TEIXEIRA DE QUEIROZ

O theatro fascina o homem de letras, como a tribuna seduz o politico. Nada tão bello como ter aos pés um publico entusiasta, gritando, gesticulando, applaudindo, uma ovação ruidosa, ali, frente a frente, aclamado, victoriado como um heroe. E as sensações que se experimentam nos ensaios, na vespera, antes de subir o panno, depois do primeiro acto, depois do segundo, depois do ultimo, uma duvida constante que afflige, que perturba; lá fóra o publico severo e frio, por entre os bastidores o auctor que passeia d'um lado para o outro, á espera d'um bravo, d'um applauso, d'uma gargalhada,

e aqui espreita, ali escuta, examina o aspecto da platéa, da primeira fila á geral, e se um boceja como elle estremece, e se outro sorri como elle sorri tambem, que situação terrivel, diante da qual o mais forte deixa cair toda a sua petulancia e toda a sua pose.

Depois veem as palmas, as chamadas, os triumphos, é arrastado pelos actores que o animam; mas elle tem medo, recua deante de todas aquellas cabeças, e o palco parece lhe um abysmo por onde rolará se der um passo sequer.

E isto o que succede sempre, é isto o que se deve ter dado com Teixeira de Queiroz na noute de quinta feira, em que no theatro de D. Maria se reuniu a *finis flor* do mundo litterario e politico para assistir ao debate d'este notavel romancista moderno, que é, ao mesmo tempo, um sympathico e excellente rapaz.

Estava lá tudo. O publico da critica, o publico amigo, o publico da má lingua, corriam versões variadissimas, citavam-se phrases, antevia-se o escandalo, uns davam-lhe um successo, outros uma queda, uma victoria ou uma pateada. E as platéas e os camarotes enchiam-se de physionomias alegres, curiosas, inquietas.

Estava na berlinda Teixeira de Queiroz. Que faria elle? Renegaria os seus principios? ou poria na scena o naturalismo dos seus livros? D'ahi a anciedade, a expectativa, o horburinho.

Um original em terra de traducções merecia todas as honras. Se fizesse rir teria á sua disposição todas as gargalhadas, se fizesse chorar não se lhe regateariam as lagrimas. E o panno subiu...

A comedia de Teixeira de Queiroz tem, sobre todos, o grande merecimento de conservar, da primeira á ultima scena, um delicioso humorismo.

Os bons ditos atravessam, constantemente, toda a peça, de fórma que, a cada momento, havia um còro de risos, e applausos, d'uma espontaneidade adoravel.

A comedia gyra toda em redor d'um só personagem, o *Grande Homem*, caricatura soberba d'uma nullidade que se dá ares, que vive satisfeito consigo, julgando-se indispensavel á politica do seu paiz e que, pela politica, todo esquece. É monarchico hoje, amanhã será republicano; o que elle quer é subir seja qual fór a escada. Para vencer o ideal das suas aspirações sacrifica o amor da propria filha, repellido um velho luxurioso, conselheiro e visconde e ministro em perspectiva. Este velho é apalhado em ridicula declaração d'amor á mãe da sua prometida, e por fim o casamento faz-se segundo a vontade da filha. Eis o enredo; acção muito pequena para 4 actos.

O *Grande Homem* é o unico papel, e dá logar a que o actor tire d'elle um partido extraordinario. Joaquim d'Almeida assim fez. Teve phrases admiraveis, physionomias espantosamente comicas, gestos, pose, sorrisos, aproveitados com um talento digno de todo o applauso. Os outros personagens são insignificantes. O primeiro e terceiro actos são os melhores, sendo o final d'este um verdadeiro achado. O segundo acto tem menos interesse, deixa mesmo arrefecer um pouco o publico, o quarto tem situações muito engraçadas, mas é um tanto embrulhado. O dialogo é sempre curto, feito com o bom calculo de não cansar o publico.

Ha palavras dispensaveis na peça. Entretanto Teixeira de Queiroz parece ter-se convencido que nem tudo o que o livro tolera, tolera o theatro. Que pôde esboçar-se n'uma pagina uma copia do nú, e atiral-a assim ao publico, mas que não é licito expol-a, no palco, á apreciação d'uma platéa. Assim Teixeira de Queiroz não se preocupou em querer ter no theatro a mesma feição que tem no livro; traçou simplesmente uma satyra, uma boa troça.

No *Grande Homem* revela o auctor um estudo dedicado de Molière, que muitos p'em de parte, mas que ha de sempre ensinar as melhores scenas de comedia, a observar os melhores typos e a satyrisar os maiores ridiculos.

Não ha ali os velhos moldes, as scenas preparadas segundo os preceitos rançosos da arte; a situação consiste toda na phrase, a vida da comedia está toda no dialogo. Toda aquella graça é genuinamente portugueza. Grande merecimento este.

Como se vê, pelo que sinceramente expomos, a peça tem defeitos, o que não é para admirar n'uma estreia. Teixeira de Queiroz desconhece ainda os segredos do theatro, para desvendar os quaes não bastam os livros que se leem, é indispensavel a pratica que se adquire. Foi, entretanto, um debute auspicioso, digamos assim, que nos dá a esperanza de podermos contar com mais um rapaz para levantar o theatro portuguez da misera vida das traducções.

CARLOS DE MOURA CABRAL.

O NURSERY

Minhas filhas — um rancho de cinco, e das quaes a mais velha fez os seus dez annos e a mais nova dois — têm em casa um quarto especialmente destinado para os seus pequenos arranjos domesticos, para as suas colleções de caixas vasias de phosphoros, para as suas mobílias liliputianas, para uma infinidade de cousas que são o seu encanto e o seu entretenimento durante horas successivas n'estes chuvosos e escuros dias de inverno, que m'as prendem á casa, como quem prende rouxinoes n'um cortiço.

Chamam ellas a esta parte da casa, exclusivamente sua, o *quarto das brincadeiras*.

Os inglezes tem um bonito nome para designar a mesma cousa: chamam-lhe o *nursery*, palavra que podiamos e deviamos adoptar com a orthographia aproximadamente sonica de *nursery*, e que significa propriamente o quarto da ama e por extensão o quarto das crianças.

N'um domingo, ha alguns mezes, vieram minhas filhas de manhã ter comigo ao escriptorio para me pedirem que lhes mandasse buscar a Guilhermina Nunes, sua companheira de mestra. A Guilhermina Nunes é uma deliciosa criança de oito annos filha do meu amigo Dr. Lima Nunes.

Depois de pedir algumas explicações a minhas filhas sobre o assumpto, unicamente no intuito de lhes tornar o deferimento do pedido mais apreciado, escrevi ao meu amigo Dr. Lima Nunes, pedindo-lhe o obsequio de permitir que a sua Guilhermina viesse passar o dia com minhas filhas.

D'ahi a uma hora a criada que levára o bilhete, voltava acompanhando a filha do meu amigo, que foi recebida pelo meu rancho, sobre tudo pelas mais pequenas, com as demonstrações mais ruidosas e mais tumultuarias de alegria. Uma beijava-a, outra tirava-lhe o chapéu, outra tomava-lhe conta do casaco, outra pegava-lhe na mão, outra agarrava-se-lhe ao vestido, outra perguntava-lhe se queria vêr a sua boneca nova, aquella communicava-lhe que tinha uma mesa e uma cadeira muito bonita, uma queria levar-a a vêr as suas botas brancas, uma outra queria começar por lhe mostrar as pombas... Uma inferneira deliciosa de vozes frescas e argentinas falando todas ao mesmo tempo e tentando cada qual chamar a attenção particular da pobre Guilhermina, que com a sua physionomia ingenua e risonha de typo germanico, sorria bondosa a todo este charivari, como se já contasse com elle.

Toda esta recepção, festiva como uma romaria estrondosa de aldeia, se fazia á porta do meu escriptorio junto á entrada da casa, onde minhas filhas tinham vindo em tropel ruidoso esperar a sua amiga.

Esta lá foi assim levada em verdadeiro triumpho até ao primeiro andar da casa. Eu distrahi-me a ler e, passado algum tempo, quando me lembrei do bando, pelo barulho que me tinham feito á porta do escriptorio, reinava em casa o mais discreto silencio. Estranhei o socego por não estar habituado a elle e perguntei se as meninas tinham sahido. Veio minha mulher dizer-me:

— Não sahiram... isso sim! Fecharam-se todas no quarto das brincadeiras e apenas as ouço de quando em quando dar ordens de dona de casa, mandarem a criada, que não sei qual d'ellas é, a compras, recommendarem que não deixem apagar o lume, etc.

— O que?... Ellas têm o lume? perguntei eu.

— Não, não ha lume nenhum. Têm apenas um pequeno fogareiro e um abanador; mas isso lhes basta para imaginarem que têm um fogão com lume.

Subi ao primeiro andar um pouco para vêr o que minhas filhas estavam fazendo e um pouco para verificar se tinham lume no quarto, com receio de que minha mulher se tivesse enganado.

Bati á porta do quarto, tendo ouvido antes minha filha mais velha dizer n'um tom expedito e desembaraçado de dona de casa atarefada.

— Não me deixes descobrir essa menina, Maria, olha que se pôde constipar.

— Quem é?... perguntaram de dentro do quarto quando eu bati.

— Sou eu, minhas senhoras, V.ªs Ex.ªs dão licença?

Grande gargalhada dentro do quarto em resposta ao modo cerimonioso e comico como eu me annunciava.

— Pode entrar, senhor doutor, respondeu uma das minhas filhas mais velhas. Venha depressa que a menina está muito mal.

Compreendi o papel que me distribuam:

